

Sobre a trajetória e as pesquisas de Christina Toren: ou, de “como nos tornamos o que somos”¹

Ana Maria R. Gomes (entrevistadora)

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Belo Horizonte/MG – Brasil

Entrevistada: **Christina Toren (entrevistada)**

University of St. Andrews – Escócia – Reino Unido

1 . Apresentação

O texto a seguir resulta de conversas e encontros com Christina Toren, sobre sua trajetória e suas pesquisas, e faz parte de um percurso de trocas ao longo de alguns anos. A entrevista aqui focalizada foi guiada pela intenção de reconstruir as experiências e as “questões do campo” que marcaram sua trajetória em duplo sentido: da pesquisa de campo que se desdobrou na etnografia *Making sense of hierarchy* (1990) e das questões do campo da antropologia que guiaram suas explorações, escolhas e proposições metodológico-conceituais que aparecem no livro subsequente *Mind, materiality and history* (1999).

A entrevista buscou, portanto, focalizar e revisitar esse momento seminal da trajetória da pesquisadora, de forma a possibilitar que os conceitos e temas que se tornaram relevantes e, principalmente, os desafios que ela se propôs a enfrentar fossem evidenciados em seu contexto de origem. Essa revisitação nos leva também a retomar, na atualidade, as contribuições que ela trouxe para a prática da etnografia e para a teoria antropológica (TOREN; PINA-CABRAL, 2011).

No vídeo associado ao texto, Toren gentilmente nos expõe (no cenário de sua própria residência) o material de campo original, produzido com meninos e meninas da aldeia fijiana Sawaieke, material esse que aparece parcialmente nas publicações (em particular, trata-se de desenhos das crianças) e cujo processo de produção foi por ela também explicitado na entrevista. Pode-se acompanhar o passo a passo da análise dos desenhos, assim como as intenções que a guiaram na

¹ Tradução: Helena Santos Assunção

montagem do arcabouço instrumental produzido em suas relações com as crianças fijianas durante a pesquisa, que lhe permitiu explorar esse rico material.

Ao reunir essas informações, interessava ressaltar a dimensão dialógica e relacional nas práticas da etnografia e na própria produção da antropologia. Práticas essas que se desdobram em um processo histórico de constituição das pessoas envolvidas – como afirma Toren – assim como de constituição das próprias práticas. A etnógrafa aprende com seus companheiros e companheiras de campo em um processo micro-histórico (TOREN, 2012), que vem parcialmente apresentado no texto etnográfico e que pode ser ulteriormente explorado a partir da documentação “complementar” que as entrevistas e o material de campo nos trazem.

O texto circulou e entrou no fluxo dessa conversa em curso; e depois dele já ocorreram outros encontros e trocas subsequentes. Esse é o sentido dessa publicação e das continuidades que ela pode ensejar.

2. Entrevista

A mudança da psicologia para a antropologia e para o campo em Fiji, com uma questão que pode ser colocada em ambas, na antropologia e na psicologia.

Alguém me disse que, na antropologia, você pode fazer qualquer coisa que quiser. Acho que é verdade. E isso me convinha, porque eu havia chegado a uma insatisfação com a maneira de fazer pesquisa na psicologia. Claro que há algumas formas muito boas de pesquisa experimental, mas não há propriamente trabalho de campo. Isso vale até hoje, mesmo quando as pessoas alegam usar a etnografia como método. Então, eu fui da psicologia para a antropologia, e o que me interessou quando eu comecei – o que sempre me interessou, e o que continuou a me interessar quando fui para a antropologia – é como nos tornamos quem somos. Ainda estou interessada nisso. Ainda sinto que essa é a questão fundamental. Como nos tornamos quem somos? E, é claro, se você pensar bem, imediatamente se dá conta que há várias abordagens diferentes para responder

a essa questão na antropologia e na psicologia, então, a questão é como você vai tratar de fazer seu próprio trabalho.

Devo dizer que se você tivesse me perguntado isso no início dos anos 80, antes de eu fazer minha pesquisa, acho que eu não teria dado exatamente essa resposta. É direto demais. Porque eu não conseguia ver assim de forma tão clara. Isso só acontece depois de fazer trabalho de campo. E na verdade, cheguei nessa resposta, porque uma vez, durante uma entrevista de emprego, um membro da banca que não era antropólogo/a, achando que ia me complicar, porque eles devem ter deixado outros candidatos atrapalhados com essa questão, me perguntou: "Então, doutora Toren, o que é a antropologia?". E num piscar de olhos, eu disse: "Muito simples. É o estudo de como nos tornamos quem somos". Então, eu me dei conta de que era uma boa resposta. E na verdade, isso corresponde ao que eu mesma faço. Acho que dei essa resposta em 1988 ou 89.

Eu saí da Califórnia quando tinha 21 anos. Cheguei a Londres quando tinha 21 anos. Só fui para a universidade aos 29, 30 anos. Tive meu filho quando tinha 26 anos. Então, ele tinha quase 3 anos, quando comecei a frequentar a universidade. Então, a Califórnia já era um passado distante, considerando a vida de uma jovem. Era muito importante para mim, mas era importante por causa da forma como minha experiência vivida foi completamente ampliada, minha experiência de outras pessoas. E é claro que não foram apenas aqueles três anos na Califórnia, porque eu e meu marido - o cara com quem eu era casada na época - tínhamos viajado da Austrália para a Califórnia. Não era a 'trilha hippie' porque a 'trilha hippie' só começou alguns anos depois. Então, só encontramos gente que estava fazendo a mesma coisa que nós quando chegamos à Índia. Você podia encontrar pessoas da Austrália que talvez tivessem chegado até a Índia, às vezes até Katmandu, mas você só começava a encontrar europeus vindos de outras direções a partir de Kabul. E essas pessoas que você cruzava eram *beatniks*. Porque *hippies* mesmo ainda não existiam. Isso foi no início de 1966. Os *hippies*, o Haight-Ashbury², o fenômeno todo passou a existir de um dia para o outro e depois desapareceu, de um jeito muito, muito rápido.

² O bairro Haight-Ashbury, em São Francisco, foi o polo do movimento hippie nos anos 1960.

Era realmente uma época incrível para estar na Califórnia, porque nós chegamos a Stanford (meu ex-marido tinha uma bolsa de estudos lá), bem no fim do movimento pela liberdade de expressão de Berkeley; então, fomos ouvir Stokely Carmichael falar. Fomos a um monte de eventos desse tipo. Deve ter sido lá para o final de 66. Então tinha o Stokely Carmichael, o Naacp³, o surgimento do movimento Black Power, sabe, todas essas coisas estavam acontecendo, anti-Vietnam etc...Então era uma época empolgante. E terrível também, claro, se você pensar na morte de Martin Luther King, por exemplo. Kennedy tinha sido morto quando eu era adolescente, mas eu estava *na* Califórnia quando Martin Luther King foi assassinado.

Pensar como uma antropóloga significava uma espécie de revolução na forma de pensar.

Acho que essa revolução só ocorre de fato depois de um longo percurso de treinamento. Repare que eu não fiz graduação em antropologia, e pode ser que muitas pessoas que se formam na área tenham esse lampejo enquanto ainda estão na graduação... O que eu sei é que a coisa mais crucial que eu me dei conta, e acho que realmente só entendi isso através do trabalho da Marilyn Strathern, é como as noções de pessoa podem ser tão diferentes umas das outras. E depois que você realmente entende isso e percebe o quanto isso é *absolutamente* fundamental, você se dá conta de que, a não ser que sua análise trate diretamente das noções de pessoa, você ainda não fez nada, você só está começando. Então, eu só comecei a pensar sobre as noções de pessoa depois que já tinha feito meu doutorado. E acho que esse tipo de ideias são as mais profundas na antropologia, porque elas realmente te fazem perceber que, mesmo que sejamos todos humanos, nós, na verdade, temos ideias profundamente diferentes sobre quem e o que nós somos: nossa própria humanidade. Ou *o que é ser humano*.

³ Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor, em inglês National Association for the Advancement of Coloured People (Naacp).

E do ponto de vista da antropóloga enquanto analista, sua análise tem que dar conta de incorporar as noções de pessoa do povo com quem você está trabalhando, e que te são demonstradas ou apresentadas imediatamente.

Etnografia com crianças e a experiência de campo

Pessoas importantes trabalharam com crianças, como Meyer Fores, Margaret Mead, Jean Briggs, entre outros. Mas o que eu afirmo *de fato* é que, por não ter a visão da socialização da criança, eu não tinha um modelo 'de cima para baixo'. E por estar interessada em como as crianças constituem suas ideias, isso me colocou em uma posição diferente, porque eu não tinha a ideia de que havia um fim ao qual elas necessariamente chegariam.

Então, quando você não tem um modelo de socialização, e quando seu modelo é um modelo de como as pessoas constituem suas ideias ao longo do tempo, então, é claro que está em aberto, certo? Digamos que você não sabe exatamente para onde está indo. Você tem que descobrir.

Naquela época, costumávamos falar sobre 'o simbólico' como se fosse algum tipo de domínio específico, então, eu tinha essa ideia de que, de alguma forma, 'o simbólico' era diferente do dia a dia, do concreto, que era possível fazer uma distinção entre o literal e o metafórico. Eu estava interessada em grandes ideias, né, Deus, religião, o indivíduo – esse tipo de coisa. E eu sabia que ia fazer um estudo que incorporasse como as crianças chegam a ter as ideias dos adultos. Os adultos são aqueles que te dizem como as coisas são, eles te dão os detalhes. Qual é o processo que produz aquele adulto? Para descobrir, eu tive que estudar as crianças, mas eu não sabia direito o que eu ia fazer quando fui para Fiji. Não estava claro para mim. Eu tinha que descobrir o que eu ia fazer. Eu também tinha muito aquela visão malinowskiana, que as pessoas não conseguem te dizer realmente o que estão fazendo, elas acham que conseguem, mas o que elas te contam é sempre parcial. Então, uma parte enorme depende de você *olhar* de fato para o que as pessoas estão fazendo e *registrar* o que as pessoas estão fazendo, em vez do que elas contam sobre o que estão fazendo. Bem, como uma boa malinowskiana, eu fazia minhas anotações de campo, e,,

depois de seis ou oito meses meus cadernos estavam cheios de diagramas de pessoas sentadas nos espaços.

Você percebe que está com cadernos de campo *cheios* de pequenos diagramas que mostram onde as pessoas estão sentadas nos espaços. E os diagramas sempre mostravam qual parte do espaço era considerada *i cake* (acima) e qual era considerada *i ra* (abaixo). Eu usava triângulos e círculos para mostrar quem era homem, quem era mulher e outros tipos de anotações para distinguir rapazes de homens mais velhos e assim por diante. Geralmente, eu os nomeava também. Então, eu fiquei com um monte desses diagramas e percebi que o jeito mais direto de falar sobre a hierarquia fijiana é falar de quem está em cima e quem está embaixo. Os fijianos não falam de *hierarquia*, não é um termo fijiano, mas eles falam cotidianamente do *status* dos que estão em cima e daqueles que estão embaixo.

E se eu ia fazer um estudo sobre como as crianças constituíam essas ideias, o que eu faria? Tudo que eu podia fazer era pedir a elas que desenhassem o espaço no qual todas as pessoas estavam congregadas. Todas as crianças estavam familiarizadas com o centro comunitário. Elas sabiam das reuniões e tudo mais, então, eu pedi a elas para desenharem uma reunião na qual estivessem presentes homens, mulheres, rapazes e moças. "Todo mundo está aí. Todos estão se divertindo...desenhe essa reunião, por favor."

Talvez eu pudesse ter falado só "pessoas", o que teria sido ainda mais aberto e não teria feito nenhuma menção a homens ou mulheres. Mas, de qualquer forma, eu falei de homens e mulheres, rapazes e moças. Se as pessoas são casadas ou não, está implícito na distinção entre mulheres e moças e entre homens e rapazes, porque todos os homens casados são, na terminologia fijiana, *turaqa* – 'chefe'; o termo significa 'homem casado', mas também 'chefe'. Quando pedi às crianças que fizessem os desenhos, elas sempre desenhavam pessoas bebendo *yaqona* na reunião; então, a tigela de *yaqona* estava sempre ali, e, nos desenhos, as pessoas sempre estavam sentadas em relação à tigela de *yaqona*.

Mas não tem como saber o que a criança desenhou só de olhar o desenho, ela tem que te contar. Você tem que falar com cada criança. "Nossa, que desenho lindo. Você pode me contar sobre o seu desenho?". E aí, elas

falam, "esse é o chefe. Esses são os anciões. Essa é a mulher do chefe. Aquelas são mulheres. Essas são moças". E assim por diante.

Então, eu saí de lá com um monte de desenhos a lápis, com anotações de quem era quem e onde estavam sentados. Normalmente, uma vez que você pede a uma criança para falar do próprio desenho, a não ser que ela seja muito, muito tímida, depois que ela começa, ela vai te contando tudo. Nesse sentido, é fácil. Mas, se for uma criança muito tímida e ela não quiser falar... aí você começa a falar "Ah e onde eles estão sentados?". Então, se eles não falassem "esse é o fulano, ele está sentado em cima", aí eu perguntava diretamente "Quem é este? Onde ele está sentado?", se eles ainda não tivessem falado. Desse jeito, eu sei quem está retratado no papel e onde está sentado – eles estão acima ou abaixo?

Depois, eu usei papel vegetal em cima dos desenhos, para poder desenhar por cima e reter a altura real e a variedade de figuras na página, mas eu usava triângulos para homens e círculos para as mulheres, para que eu pudesse ver facilmente quem era homem e quem era mulher. Muitas vezes, as crianças desenhavam figuras muito maiores para o chefe, então, ao traçar aquela figura, ela é retratada com um triângulo maior do que o triângulo do cara sentado ao lado dele – entende? Então, no final, eu tinha os meus próprios esboços que agora já estavam racionalizados: no lugar de figuras, eu tinha triângulos e círculos, e eu tinha demarcado quem eram os rapazes, os meninos, os homens casados, os anciões, os chefes etc.

Eu tinha que fazer tudo isso para ver se havia algum padrão, e como era muito difícil olhar para tudo ao mesmo tempo, eu só olhava para os dois polos – os que se dizia que estavam em cima e os que se dizia que estavam em baixo. Em todo caso, eu confiava no que as crianças me diziam, independente do que estava realmente na página. Então, por exemplo, eles podiam ter colocado o 'chefe supremo' sentado bem no meio da página, com as mulheres em uma linha de um lado, e os homens do outro lado, mas se eles me dissessem, "Este é o chefe supremo e ele está sentado em cima", então, isso era o que eu dizia também.

Eu não tentava fazer as figuras corresponderem ao que a criança dizia. Eu não tentava analisar sua noção de perspectiva. Na verdade, eu nem tinha as ferramentas para poder fazer isso. E os padrões são bastante confiáveis. Várias

crianças desenharam o chefe supremo no meio da página, o que faz muito sentido, na verdade, e outras crianças usavam o plano da página para fazer as diferenciações, e assim por diante.

Eu analisei quem estava em cima e quem estava em baixo para cada criança. O chefe supremo estava em cima sozinho, ou junto com o pequeno grupo de chefes? Quem estava em baixo: os homens casados? Os rapazes? As mulheres? No fim das contas, restava um grupo bem menor de discriminações – ou classificações, se preferir. E quando comecei a observar como esses dois polos – acima e abaixo – variavam juntos, eu acabei com crianças de uma certa idade fazendo um tipo de arranjo, crianças um pouco mais velhas fazendo outro, um pouco mais velhas ainda fazendo outro, e assim por diante, com as variações de acordo com a idade. Mas não é exatamente uma questão direta de desenvolvimento. Não se trata de uma regra rígida... Se você olhar para o gráfico, verá que é algo que tem a ver com a idade, se você imaginar que este é o ponto zero e este ponto é aproximadamente quinze...é algo assim, porque as faixas etárias são amplas em qualquer ponto. No entanto, o padrão é confiável. Mesmo que cada criança esteja produzindo um trabalho único, quando você observa como os dois polos – acima e abaixo – variam juntos, você acaba com um conjunto distinto de pequenas variações. E quando você olha para quem está fazendo qual variação, elas se enquadram em categorias de idade. E elas também pode se enquadrar em categorias de gênero.

Eu não levo muito jeito para estatística, então, quando completei a primeira análise, levei-a para um professor da University College London, um ótimo estatístico, que me deu aulas quando eu estava na graduação, e perguntei se ele poderia dar uma olhada. Ele olhou para o gráfico que eu tinha feito e me disse uma vez: "Essa distribuição é muito ampla. Acho que você confundiu dois grupos ali". Então, eu tive que voltar aos dados, porque ele tem olho para isso, certo? Então, você volta e olha novamente para todos os desenhos que você colocou nessa categoria que ele diz ser muito ampla e pronto! Você descobre que há uma distinção a ser feita dentro dela, e que é uma distinção que discrimina entre crianças. Portanto, eu tive que refazer essa análise, só para analisar esses desenhos, levei cerca de seis meses, eu acho. Foi um trabalho *tão* longo.

Um jeito muito particular de usar as ideias de Piaget no campo.

Suponho que ele [Piaget] teria se interessado bastante por esse tipo de ideias, mas é claro que ele estava realmente interessado em como as crianças constituíam necessidades lógicas. Ele entendeu que a necessidade é sempre o resultado do processo constitutivo. E isso também é verdade nesse caso. Essa descoberta [através dos dados] foi realmente surpreendente para mim - tanto que eu tive de fato que pensar muito sobre isso. Tinha uma pequena coorte de crianças, onde havia homens e mulheres sentados, classificados juntos no mesmo nível. Então, eles diziam: "Este é o chefe supremo, e ele está em cima e esta é a esposa do chefe supremo, e ela está em cima". Ou "estes são os mais velhos (homens), e eles estão em cima, e estas são as avós, e elas também estão em cima". Eles os classificaram no mesmo nível. Agora, eles nunca teriam visto uma coisa dessas. Quando as pessoas estão em reuniões, elas não se sentam assim. Definitivamente, não é assim que elas se sentam. Talvez pudesse ter uma maneira de fazer isso, trazendo a experiência de ir à igreja, como se senta na igreja, isso poderia fazer parte do que eles estão importando. Mas eles pareciam estar afirmando que homens e mulheres casados, avós e anciãos, o chefe e a esposa do chefe estavam todos no mesmo nível.

E é claro que isso não é o que eles veem, não é isso que acontece. Então, isso era extremamente interessante e era generificado, porque era muito mais provável que meninas afirmassem essa igualdade e produzissem desenhos com avôs etc. sentados ao lado de avós etc. O que simplesmente não era o que acontecia na vida real. E os meninos também faziam isso, mas eles sempre tinham uma posição distinta para o chefe supremo. Eles podiam mostrar homens e mulheres abaixo do chefe supremo no mesmo nível, mas ele sempre tinha uma espécie de posição de destaque. O mais importante aqui era que as crianças produziam coisas que elas nunca poderiam ter visto como produtos de suas próprias noções de como as coisas são, mas também que somente as crianças de determinada faixa etária faziam isso. Era como se elas estivessem afirmando uma igualdade de *status* fundamental entre homens e mulheres. Crianças mais velhas já não, porque elas chegaram à noção madura. Mesmo assim, a noção madura é variável. Todas as outras crianças diziam que o chefe supremo está

em cima, mas também era bem possível que eles dissessem que o chefe supremo está em cima junto com um pequeno grupo de anciãos. E se fossem meninas, elas diriam "e as mulheres estão embaixo junto com os rapazes". Mas se fossem meninos, eles só diriam "as mulheres estão embaixo". E eles não diriam "com os rapazes". Estou caricaturando um pouco. Teria que ver os dados, porque tem sempre partes que não encaixam exatamente, mas... É, no fim das contas, eu tinha um conjunto de dados bem definido, que mostrava como as crianças de diferentes idades têm diferentes noções sobre a natureza da hierarquia. Elas *têm* que chegar, no final, a essa noção madura, porque é a partir desse momento que elas falarão para as outras pessoas como se comportar corretamente. É a partir desse ponto, que elas sabem o que demonstra respeito: você *deve* fazer isso, e quando você entra em um espaço, *tem que* modificar sua postura corporal... uma lista com um monte de pequenas regras sobre como se deve comportar em relação a outras pessoas, em termos de postura corporal.

Incluir crianças em nossas pesquisas é importante para a própria antropologia.

Eu penso nisso como o estudo da ontogenia, e, claro, que a parte mais crucial do estudo da ontogenia é a parte inicial. Por isso, estudar crianças é muito interessante. Usando métodos específicos, você pode descobrir a natureza do processo constitutivo, porque você é capaz de ver os detalhes – crianças de 4 e 5 anos fazem assim, crianças de 7 e 8 fazem assado, 8 e 9, 9 e 10 e assim por diante. E você consegue ver mudanças sutis que ocorrem. No entanto, não há nenhuma razão para realizar estudos sobre o que as crianças fazem, a não ser que você saiba o que os adultos estão fazendo. Só comecei a trabalhar com crianças quando já tinha resolvido para onde eu estava me direcionando. É sempre um 'tiro no escuro', não é? Eu pensei comigo mesma: "Ah, vou pedir às crianças para fazerem desenhos das cerimônias *yaqona*". E pode parecer estranho fazer isso, mas é a primeira situação de hierarquia *vivida*... sobretudo, se for uma reunião grande no centro comunitário onde todos estão presentes. Aí, você consegue ver de fato quem está onde, nessa hierarquia específica. E as crianças conseguem ver, assim como *você* consegue ver, qual sentido eles estão dando àquilo?

Não faz sentido estudar as crianças, a não ser que você tenha um monte de material dos adultos, mas, pelo mesmo motivo, na minha opinião, não faz muito sentido estudar os adultos sem estudar as crianças. Há uma ideia que circula por aí de que os adultos são os que mostram o 'cerne da questão', qualquer que seja ela, são eles que *realmente* sabem etc. Do meu ponto de vista, isso não pode estar correto, porque a ontogenia só termina na morte, e, se ainda estou no processo de constituição das minhas ideias, você também está, todo mundo está. Então, o processo de constituição não termina até você morrer. Se você quer saber sobre a natureza da transformação, é para *isso* que você olha, mas se você quer saber, você tem que olhar para as crianças.

A noção de transformação

É importante, porque, até onde eu saiba, tudo que os humanos fazem evoca suas histórias. Então, se eu estiver completamente imersa na minha história, em cada aspecto do meu ser, tudo que eu fizer evoca essa história: eu falo a partir dela, eu desenho a partir dela, eu me movimento a partir dela. Tudo que eu faço, tudo que me diz respeito é, a qualquer momento, o artefato dessa história vivida. Então, se eu quiser entender a natureza da transformação histórica, esse é um bom jeito de fazê-lo, do ponto de vista de uma antropóloga. Não olho para a ascensão e queda dos partidos políticos, não é esse o meu interesse. Deixo isso para os historiadores. É um projeto diferente. Meu projeto é realmente entender como nos tornamos quem somos, e isso é um processo histórico.

Trabalho de campo em Fiji com um filho e a escola nessa época

Provavelmente, seria mais comum hoje em dia [produzir desenhos na escola]. Naquela época, acho que eles tinham um cotidiano escolar mais regulamentado. Então, era divertido ficar comigo, porque eles podiam fazer coisas que eles não faziam normalmente. E eu dava pedaços de papel bonitos e lápis novos afiados, coisas do tipo, então, era divertido, eles gostavam. Mas eu só comecei a fazer isso bem no final, quando a maioria das crianças já me

conhecia, e eles me conheciam porque eram amigos do meu filho, que estava na escola local. E embora ele já tivesse ido para casa quando comecei a trabalhar com as crianças, ele passou quase um ano lá, então, eles estavam muito familiarizados comigo enquanto mãe - as crianças de quem estou falando -, eles já tinham me visto antes. Então, eles sabiam, sabiam muito bem quem eu era. Muitos dos menorzinhos, que não estavam tão familiarizados comigo, ficaram um pouco assustados, mas assim que ganhavam familiaridade, como as outras crianças, já não era um problema.

Como é o trabalho de campo em Fiji? É fantástico fazer trabalho de campo em Fiji, mas acho que fazer trabalho de campo em qualquer lugar é extremamente difícil. Acho que existencialmente é muito difícil. E isso não tem nada a ver com quem você está tentando fazer o trabalho de campo, e sim com os seus próprios problemas existenciais. Mas também acho que é uma coisa muito peculiar, porque, se eu penso em mim mesma no campo, minha ansiedade a primeira vez que estive lá – é claro que eu não falava fijiano no início, então, estava tentando aprender a língua fijiana –, eu estava muito nervosa com os meus modos, meus modos estavam certos? Eu já sabia, a partir de tudo que eu tinha lido, que havia todas essas regras de como se comportar e tudo mais, então, eu estava constantemente nervosa com isso e, é claro, constantemente fazendo tudo errado. Entrando pela porta de casa errada, por exemplo, ou respondendo de forma incorreta a algum tipo de cumprimento. Ou qualquer outra coisa, sabe. Cometendo erros sem parar.

Mas acho que o campo é muito difícil, e não sei se outras pessoas fazem isso, mas, na verdade, eu acho que provavelmente muitas fazem, muitos antropólogos fazem à sua maneira, e eu percebi isso depois, não percebi enquanto estava fazendo. Eu estava tão preocupada em ser aceita que, ao contrário de qualquer outra vida cotidiana normal, eu estava realmente "me fazendo passar" aos olhos daquele outro, daquele outro fijiano. Eu estava me fazendo passar, estava mudando minha postura corporal, estava mudando a maneira como falava, estava mudando a maneira como gesticulava e assim por diante. E isso é uma coisa muito estranha de se fazer. Porque, mesmo que você possa dizer no dia a dia que todos querem ser aceitos e apreciados por outras pessoas, você normalmente não vai a tais extremos para *monitorar tudo o tempo*

todo, e o tempo todo tentando ser correta e fazer as coisas corretamente. Ao mesmo tempo, você está aprendendo outra língua e tem todas essas preocupações, então, é um processo longo, de ser aceita, no sentido de que as pessoas estão realmente convencidas de que você está fazendo o que você diz estar fazendo. E os fijianos – provavelmente, pessoas de todos os lugares sejam assim - mas os fijianos, certamente, são muito sagazes, são muito bons observadores e estão observando e estão criticando calmamente. E eles, certamente, não querem ser tratados com condescendência, ninguém quer. Portanto, tudo isso significa que é óbvio que vai demorar muito tempo. Claro que todos são educados, mas há uma grande diferença entre polidez e aceitação real e assim por diante. Mas o ponto em que eu realmente comecei a sentir que, *sim*, eu era uma mulher de Sawaieke foi antes da chegada de meu marido...

Então, houve um momento em que meu marido, o pai do meu filho, vinha me visitar, suponho que eu já estava lá há uns 6, 7, 8 meses, algo assim. Aí, ele vinha me visitar, e meu filho e eu estávamos morando na casa de uma família, onde eu ainda fico sempre que vou a Sawaieke, mas meu marido estava vindo (meu segundo marido), e eu queria que tivéssemos algum tipo de privacidade, o que não se tem em uma casa de um quarto em Fiji. Então, perguntei ao meu professor, que era um homem absolutamente adorável, um ancião muito respeitado: "Você acha que é possível eu ter um lugar próprio? Seria possível ter um lugar pequeno construído para mim"? Então, ele conversou com os chefes, eles disseram "sim" e construíram para mim a casinha mais linda, pequenina, absolutamente linda. Todos os homens da aldeia trabalharam naquela casa. Eles a fizeram de forma absolutamente tradicional, cada pedacinho dela era exatamente como deveria ser feito.

Um belo presente e a visita da rainha

Foi um presente lindo mesmo. E esse presente me fez sentir que eu era respeitada, no sentido de que as pessoas sabiam que eu era sincera, o que quer que eu estivesse fazendo, eu estava tentando fazer da maneira correta. Então, isso foi absolutamente fantástico. E quando vou para Sawaieke, mesmo que eu fique anos sem ir, assim que chego à aldeia, me sinto em casa. Sinto-me em

casa de uma forma que só me sinto em minha própria casa. E eu acho isso bem incrível. Mas eu não acho que nada disso aconteça rapidamente. Acho que é uma espécie de processo lento, às vezes angustiante, porque as relações com as pessoas no campo são como as relações com qualquer pessoa em qualquer lugar. Elas têm seus altos e baixos, têm seus momentos de mal-entendidos ou raiva. Acontece de tudo...

Enquanto eu estava lá, durante meu primeiro trabalho de campo, a rainha, a rainha da Inglaterra, Sua Majestade, veio visitar Fiji para abrir o Grande Conselho de Chefes. Não me lembro porque ela estava lá para aquele Conselho de Chefes específico, mas, é claro, foi uma coisa enorme. E o Conselho de Chefes estava sendo realizado na ilha de Bau, e, nos tempos antigos, Bau tinha sido o chefe supremo junto com outros dois, Vanua Levu e Lau. Bau foi aquele que os colonizadores acharam que era o chefe da hierarquia. De qualquer forma, esse Conselho de Chefes era realizado em Bau, a rainha estaria lá, e eu tinha que ir com o povo de Sawaieke. Era uma coisa enorme, as pessoas vinham de todos os cantos de Fiji, em grupos representando suas chefias, suas áreas, para fazer essas trocas cerimoniais enormes. Assim, eles traziam tapetes, tigelas *yaqona*, tecidos de casca de árvore, a especialidade que fosse, eles traziam a mais bonita para colocar nessas grandes trocas cerimoniais.

Tive muita sorte, eu pude ir com o povo de Sawaieke. Fomos *vakaicili*, fomos recebidos, alojados em uma aldeia, não na ilha de Bau, mas perto. Você vai para ficar na aldeia onde tradicionalmente seu povo se hospeda, então, já sabemos antecipadamente para onde estamos indo. Então, eu vou com eles, estamos alojados nessa aldeia em particular, e as pessoas da aldeia estão curiosas sobre mim. Estou me comportando de forma totalmente correta, meu vestido está totalmente correto etc. etc., então, tudo bem. Estou descalça, não tenho guarda-chuva, porque usar sapatos em Bau é terrível, já que o chão é sagrado. Você não pode nem sonhar em usar um guarda-chuva, ou um chapéu, ou algo parecido, porque isso é desrespeitoso com os chefes. Esse tipo de comportamento é uma prerrogativa dos chefes. Portanto, lá vou eu, todos os dias, a Bau, com o povo Sawaieke, para estar presente nessas cerimônias; e há uma área muito grande, cheia de visitantes das várias embaixadas, e há pessoas importantes que vivem em Fiji, pessoas importantes que são gente do governo

de outros lugares etc. etc. E, é claro, as senhoras estão todas vestidas para uma espécie de festa de jardim, porque, afinal, a rainha está chegando; então, todas elas tinham chapéus e todas elas tinham roupas apropriadas para festas de jardim e, claro, guarda-chuvas, porque pode chover, e elas estão usando saltos altos para combinar com suas roupas etc.

E aconteceu comigo mais de uma vez de estar ciente desse "Ah, pelo amor de Deus, o que ela está fazendo? Olha ela! Típico! O que ela pensa que está fazendo?" vindo dessas pessoas, porque eu não tinha sapatos, minha roupa era o vestido apropriado de Fiji, do tipo que você usa quando vai à igreja, com uma longa saia por baixo e uma túnica por cima. Então, por um lado, recebia o olhar reprovador dos visitantes importantes de Bau para o Conselho de Chefes, e depois, à noite, em casa, todos nós bebíamos *yaqona* na aldeia onde estávamos alojados e ficávamos sentados lá, sabe, com muitos homens velhos, discutindo as atividades do dia, e alguém sempre me dizia "Mãe de Manuel, e essas mulheres que estão usando chapéus na ilha de Bau?".

Eu tinha que aguentar a reprovação em ambos os lugares. Fui diretamente repreendida pelos europeus e indiretamente repreendida pelos fijianos: por que ninguém tinha dito a essas mulheres que não deveriam estar usando sapatos de salto alto? Que não deveriam ter chapéus? Como se atrevem a colocar guarda-chuvas!

Acho que é uma boa história, porque não há como ser bem entendida de nenhum dos lados. Então, eu diria a eles: "Bem, provavelmente, ninguém falou isso com elas". Mas eles [os fijianos] estão até certo ponto orgulhosos de mim, porque meu comportamento é correto, e eles estão orgulhosos de mim em relação aos outros fijianos - eu como de tudo, por exemplo, isso é muito importante.

Feminismo e antropologia

Para mim, é importante que eu seja feminista, mas eu nunca abracei nenhuma escola particular de feminismo. Você pode ler um monte de coisas de uma forma ou de outra e você discordaria de partes delas e concordaria com outras partes. Portanto, ser feminista é importante para mim na minha vida, e,

por ser importante na minha vida, não tenho dúvida de que isso informa o que faço; mas nunca me levaria a pensar, por exemplo, que eu deveria tentar converter as mulheres fijianas a algum tipo de posição feminista. Se as pessoas me perguntarem o que eu penso sobre alguma coisa, eu direi. E se eu for confrontada com uma situação horrível, eu *sei* que vou deixar isso claro. Sabe, não posso fingir que as coisas estão bem quando eu não acho que estão bem.

Creio que... Veja bem, o negócio é que, no sentido da experiência, eu nunca *não* fui feminista. Não havia um momento em que eu não era uma feminista e, então, me tornei uma feminista, acho que eu sempre fui, e daí você descobre a palavra e depois pensa, "Ah sim, bom, eu sou uma dessas". Então, tem isso. Quer dizer que isso realmente informa tudo o que você faz. Creio que há uma relação com o trabalho com crianças, porque, por exemplo, eu me lembro quando estava lendo antropologia pela primeira vez - isso deve ter sido em 79, 80, no ano da minha qualificação, você sabe que havia todas essas histórias sobre como as vozes das mulheres eram silenciadas, e tínhamos que ouvir as vozes das mulheres e assim por diante. Claro que temos que ouvir, óbvio. Mas eu nunca diria que temos que ouvir as vozes das mulheres por causa do feminismo; é analiticamente óbvio que, se você não tem mulheres em seu estudo, então você não sabe o que diabos está acontecendo. E o mesmo vale para ter as crianças em seu estudo: se elas não estão lá, então, seu estudo é apenas parcial. Se você vai fazer um bom trabalho, você *tem que*, de alguma forma, tentar ter acesso a todos. *Todas* as pessoas são significativas, e você quer ter acesso a tantas quanto possível.

Você pode estar em uma situação difícil, em que simplesmente não tem como; se você estiver trabalhando em uma situação muito segregada em relação ao gênero - homens só podem estar com homens e mulheres só podem estar com mulheres - então, é com isso que você tem que lidar. Mas, nessas situações, pelo menos, se você for uma mulher tendo que trabalhar somente com mulheres, você estará muito consciente do que você *não* tem. Enquanto eu acho que o problema - e suponho que é aqui que o feminismo pode entrar - é que pelo menos nos primórdios, para um certo tipo de antropologia, não importava para os caras que todos os seus informantes fossem homens, eles não achavam que

isso fosse necessariamente um problema. Desde que você saiba que é um problema, tudo bem. É isso.

Ontogenia, epistemologia, intersubjetividade, socialidade: palavras-chave na antropologia

Penso assim: seu problema como analista é ser *realmente capaz* de explicar *com clareza* o que está acontecendo. Isso é uma coisa difícil de fazer. E você só tem as palavras que você tem à sua disposição. E as palavras podem te dar muitos problemas. Por exemplo, eu *sei* que o simples fato de ter usado a palavra *cognição* significava que havia antropólogos que ficariam totalmente desinteressados em saber do que eu estava falando, só por causa *dessa* palavra. Na verdade, Nancy Munn me disse uma vez: "Christina, é uma grande pena, sabe, você usou a palavra *cognição*", e eu disse: "Nancy, pelo amor de Deus, na época, o que eu poderia ter dito?" Portanto, há essas palavras que têm um peso enorme ligado a elas.

Certo, então, você está nessa, tentando ser o mais clara possível. Eu sabia, quando estava escrevendo meu PhD, que estava estudando um processo social. Entendi que *a cognição* é um processo social; não um domínio *fora* do social. Por outro lado, eu ainda estava trabalhando com distinções não examinadas que estavam lá e eu não percebia.

Então, quando fiz meu doutorado - ao longo de todo o processo -, distingi cuidadosamente entre o acima e o abaixo *literal* – em cima, em baixo - e o acima/abaixo *simbólico* que está em um único plano, de modo que uma parte do andar da sala está acima e a outra está abaixo. Eu me referia o tempo todo a ele como "o simbólico" e ao outro como "o literal", ou concreto.

Ao longo do doutorado, lá estava eu fazendo essa distinção. E me senti extremamente desconfortável com isso. Mas acho que não tive coragem de não a usar, porque afinal de contas eu estava vivendo em um mundo analítico, no qual essas distinções eram tidas como certas. E acho que Marilyn Strathern me disse a certa altura, no começo - não me lembro como ela chegou nisso, talvez, ela tivesse lido algo ou assistido uma apresentação ou algo do tipo -, e ela me disse "Por que você faz essa distinção?" E isso me fez pensar, "Por que estou

fazendo essa distinção? Se ela está me perguntando por que faço essa distinção, então, provavelmente não preciso fazê-la". Então, eu a abandonei. Que alívio.

E depois que você começa, uma vez que você retira uma distinção, um monte de coisas passa a se encaixar. E então, você começa a ver que o tal do *simbólico* é uma dimensão de *tudo*. E tentar tirar o que é simbólico de qualquer outra coisa, é uma tarefa infrutífera. É uma coisa ridícula. Assim, depois que você entende isso, você deixa de fazer essas distinções. E a partir do momento em que você não faz mais essa distinção em particular, isso te obriga a pensar de forma diferente sobre um monte de outras distinções.

Uma das razões pelas quais eu estava interessada na cognição como processo social é porque, quando estava me preparando para ir para o campo, li *O marxismo e a filosofia da linguagem* de Volosinov, um livro fabuloso, no qual ele demonstra que a distinção saussuriana entre *língua* e *fala* não faz sentido, se o que você está tentando fazer é entender a linguagem.

Muito convincente, brilhante, e isso foi muito importante para mim, porque eu *sabia* que, em todos os momentos, eu estava lidando com um processo. Eu também *sabia* que, em todos os momentos, eu estava olhando para a natureza da transformação e da continuidade como uma coisa só. Se você olha para a transformação e acha que é tudo o que vai ver... não, você vai se deparar com a dimensão da continuidade. E se você entra através da continuidade, você descobre a transformação. Então, por exemplo, se você pegar todas aquelas crianças fijianas, todas estão falando de 'cima' e de 'baixo', todas estão falando de *quem* está em cima e *quem* está em baixo; elas colocaram as pessoas claramente em relação umas com as outras, usando essas minuciosas distinções de *status*. E elas estão fazendo isso desde o início. A maneira como estão fazendo as distinções pode mudar, mas o simples fato de fazer as distinções, todos estão fazendo. Estão todos fazendo isso de uma maneira um pouco diferente, e isso que todos eles estão fazendo é a dimensão da continuidade, por assim dizer, mas a dimensão da transformação é o que está acontecendo ao longo do tempo. Por que a visão de uma criança de seis anos se torna diferente, quando chega aos onze anos de idade? O que está acontecendo? Que transformação é essa?

Esses eram os termos que eu estava usando no início. Então, provavelmente em algum momento dos anos 90, comecei a ler fenomenologia e Maturana e Varela etc. E como o principal problema do analista é encontrar como explicar o que você quer explicar, o mais claramente possível, então, você começa a ver que você pode usar esses termos de outro jeito. Seu objeto é o mesmo objeto, mas você está mudando, está tentando se aproximar cada vez mais, tornar cada vez mais preciso, para que você sinta que sua explicação é melhor, mais completa.

Então, quando fiz o *Mente, materialidade e história*, tinha um monte de textos que eu já havia escrito antes, mas, no ponto em que juntei todos, tinha chegado a uma síntese teórica que, na verdade, não estava assentada em nenhum desses textos e cheguei a ela em função de ter lido Merleau-Ponty e querer incorporar isso; e depois começar a pensar na intersubjetividade. Eu também estava muito interessada, naquela época, em autopoieses, por ter lido Maturana e Varela. E eu queria uma teoria - por causa da ideia do Volosinov, eu queria chegar nisso – acho que não formulei dessa maneira na época -, mas eu queria derrubar todas essas distinções, porque dava para ver que elas não funcionavam. Eu queria colapsá-las umas nas outras, porque todas essas distinções como "língua e fala" [*langue e parole*], por exemplo, ou "estrutura e processo", são sempre dimensões umas das outras. Elas não são separáveis, então, por que falamos delas como se fossem? Como se fosse "aqui há estrutura e ali há processo". Não. Todos os processos são estruturados e todas as estruturas são processuais.

Se, antes, eu dizia que é preciso incorporar o desenvolvimento da criança - ou incorporar um estudo de como as crianças entendem – em um projeto antropológico, agora eu diria que é preciso incorporar o estudo da ontogenia, considerado desde o início até a morte. Portanto, ontogenia, sem problemas. Intersubjetividade é um termo melhor, mais completo, mais expressivo do que, digamos, interação, que não capta o que a intersubjetividade capta. Intersubjetividade capta o fato de que, ao falar com você, estou falando com minha ideia de quem você é e a relação entre nós. E você está escutando sua ideia de quem eu sou e a relação entre nós. Em outras palavras, o que eu digo

não sai direto da minha boca para ser engolido por você, no sentido de que qualquer uma de nós entende completamente o que a outra diz.

As condições prévias [para um processo comunicativo] são sempre diferentes, não são? Então, você se senta ali com sua história, eu me sento aqui com a minha. Nós realmente queremos nos entender, mas, enquanto falo, o que eu digo encontra o que você já sabe e suas ideias sobre o mundo. E isso vai mudar, na medida em que você receber o que eu disser, mas não necessariamente vai mudar como eu acho que deveria. E da mesma forma, você pode me dizer algo que eu entendo do meu jeito, mas, provavelmente, não é o sentido da sua pergunta. E a intersubjetividade também é capaz de incorporar isso que eu disse, logo no início, sobre como a noção de pessoa é importante, porque as noções de pessoa estão no âmago de tudo o que sabemos sobre o mundo.

Quando tento ensinar isso aos estudantes, é exatamente isso que eu digo. "*Não se trata* de indivíduos interagindo. Trata-se de pessoas, com suas histórias, projetando suas próprias ideias para o exterior". E não se trata de reinterpretar. Minha compreensão de quem você é tem tudo a ver com quem *eu* sou. E vice-versa...

Se você está olhando para pessoas que... Vamos supor, você e eu, OK? Então, somos pessoas diferentes, você é brasileira, eu sou australiano-britânica, então, temos histórias bem distintas. Por outro lado, é claro, compartilhamos uma grande história intelectual – um monte de coisas que temos em comum. Entendemos as referências uma da outra etc., o que significa que temos muitas coisas em comum, e isso nos facilita pensar, ou mesmo sentir, que *realmente* entendemos o que a outra pessoa está dizendo.

Se você pensar na tremenda diferença entre as histórias que você pode encontrar entre pessoas, aquelas diferenças *vividas* e a história que preenche a pessoa, elas levam a diferenças profundas.

Eu posso achar que sou muito próxima de alguém, que pensamos da mesma forma, mas isso pode não ser nem um pouco verdade. E quando você está pensando em pais e crianças, ou adultos e crianças, digamos, os adultos têm uma noção muito forte sobre o que é uma criança, eles projetam essa visão, e qualquer criança tem que compreender a visão projetada pelo adulto. Isso não

quer dizer que eles vão necessariamente chegar à mesma ideia. Na verdade, pode-se dizer que com certeza eles não vão. E o motivo pelo qual eles não vão é que o processo constitutivo é autônomo. Não tem como *não* ser assim.

Tornando analíticas as categorias dos nossos informantes

Acho que isso é muito importante, porque, se você olhar para a história da antropologia, verá que o que lutamos o tempo todo para fazer, é nos aproximarmos cada vez mais do que essas pessoas realmente estão pensando. Quais são efetivamente suas ideias e práticas? Quão perto podemos chegar? E você pode encontrar uma espécie de dismantelamento progressivo do que foi considerado como uma categoria analítica inquestionável, em um determinado momento, como se houvesse uma garantia absoluta de que funcionassem; e, de repente alguém percebe "Ah é, mas, na verdade, essa categoria não funciona aqui, porque as pessoas com quem estou trabalhando não pensam assim de fato".

Isso está acontecendo o tempo todo, não é? Exemplos não faltam. Tenho certeza de que você já deve ter experimentado isso, mas uma das coisas realmente difíceis de ensinar aos estudantes em antropologia, que não fizeram seu próprio trabalho ou são relativamente iniciantes, é realmente fazê-los ver que a noção de indivíduo não é dada na natureza do mundo. Que, na verdade, é uma ideia historicamente constituída e que outras pessoas podem ter ideias profundamente diferentes. É *muito* difícil para os estudantes *realmente* captarem isso.

Assim, uma vez que você percebe que, enquanto analista, está sempre tentando não trazer suas próprias categorias, então, o que você quer fazer é usar as deles. Você é a analista, então não se trata de interpretar ou usar as categorias deles de alguma forma descritiva, você precisa mostrar como essas categorias passam a se ancorar no mundo, para que eles *realmente descrevam* a maneira como o mundo é. Até *pensar* isso é difícil, porque é inevitável, achamos que nossas ideias sobre o mundo estão corretas, e, se você não pensasse assim, provavelmente, ficaria bem doida. Você tem que andar pelo mundo e você o faz presumindo que sabe como as coisas são. E todos nós

sabemos. Eu não sei como escaparíamos disso. Ao mesmo tempo, como antropóloga, você realmente tem que entender que, na verdade, outras pessoas estão andando por aí... Eu não quero dizer "um mundo diferente", porque não é, é o mesmo mundo, mas é constituído de formas tão diferentes, que você pode chegar a um ponto que não parece ser o mesmo. Portanto, tendo em vista que sabemos que, para tornar as categorias de outras pessoas analíticas, primeiro, é preciso descobrir quais são as categorias importantes em termos analíticos, mas, depois, é preciso mostrar como elas passam a ter uma pega no mundo. O que quero dizer com isso é que eles *realmente compreendem* o que está acontecendo. Para fazer isso, eu acho que é preciso fazer um estudo de ontogenia. Acho que não tem como chegar lá de outra forma, porque os adultos não podem te contar, porque eles não têm acesso à sua própria história. Eu não tenho acesso à minha. Dizer isso não é uma coisa pejorativa, é simplesmente a maneira como somos: não tenho acesso a quem eu era quando tinha quatro anos de idade. Posso ter uma lembrança ou outra, mas a questão é que a criança de quatro anos ainda está em algum lugar em quem eu sou, mesmo que eu não tenha acesso a ela. A vida vivida por aquela criança de quatro anos, todas as suas relações com outras pessoas, estão informando quem eu sou, mesmo que muitos e muitos anos tenham se passado. E no decorrer desses anos, essas relações vividas são transformadas pela história que você conhece... Bom, OK, então, realmente, o que você quer entender é a ontogenia - das categorias *deles*.

"A ideia de uma natureza unificadora e muitas culturas diferenciadoras nos torna cegos para a historicidade, nossa e dos outros, e a compreensão de suas consequências para o que é ser humano"

Eu não acho que [o conceito de cultura] seja apenas um problema. Eu acho que é realmente inútil. Acho que é uma ideia ruim, em termos analíticos. E insisto nisso, porque acho que a distinção biologia-cultura está interferindo em nossa capacidade de fazer uma boa antropologia comparativa. Ela ignora o fato de que nossa ideia de seres humanos é essa distinção. Essa é a nossa ideia do que são os seres humanos. Quando digo "nosso", quero dizer pessoas como nós - antropólogos, psicólogos, você sabe. É claro que [esse conceito de cultura]

está circulando por aí, por assim dizer. Todos usam a cultura para explicar Deus sabe o que hoje em dia; mas a distinção em si tem uma história, e não reconhecemos que nós mesmos somos artefatos da compreensão e constituição que nossos antepassados tiveram dessa distinção particular, não entendemos que diferença ela faz em nossas próprias vidas; no entanto, saímos por aí e a forçamos indiscriminadamente sobre outras pessoas. Sabe, como se fosse evidente que "essa é a cultura *deles* e essa é a biologia *deles*", ou algo do tipo, e isso está presente em um monte das nossas distinções disciplinares.

Nossas distinções disciplinares fazem sentido, na medida em que elas mesmas são o artefato da história de seu desenvolvimento. Nas ciências humanas, você percebe o surgimento de distinções disciplinares particulares em diferentes momentos e pode rastreá-las na história e filosofia da ciência e ver como elas funcionam. E eu acho que, na antropologia, a distinção biologia-cultura tem sido particularmente complicada, e é claro que dizer isso é quase uma heresia, já que em vários lugares, e na academia americana especificamente, há toda uma vasta disciplina chamada antropologia cultural.

Quero uma teoria unificada, que seja capaz de reconhecer que todas as nossas ideias são historicamente constituídas e entender que essa história *realmente* informa quem somos. Ela é constitutiva *de nós mesmos*. Dizer isso é muito diferente de dizer "é assim que as coisas são: as pessoas são fundamentalmente as mesmas biologicamente e, culturalmente, são todas diferentes". Essa é uma péssima ideia. Além disso, se você parar para pensar, você percebe que isso aparece quando as pessoas estão tentando explicar coisas que elas, na verdade, entendem como um erro. Você pode desaprovar completamente alguma prática, mas o que você dirá é "ah, tudo bem, para eles, não tem problema porque essa é a cultura deles". Na verdade, você não acha que estaria tudo bem para você, e pode até mesmo discordar completamente. E, na maioria das vezes em que as pessoas dizem "essa é a cultura deles", elas estão falando de algo que querem manter à distância.

O que é interessante [a respeito da noção de perspectivismo ameríndio] é a ideia de que todo mundo tem em comum a cultura e o que os diferencia são suas formas animais. É o espelho oposto, não é? Obviamente, Eduardo Viveiros de Castro sabe disso melhor do que ninguém, mas a questão é que, para

entendê-lo, é preciso entender como é historicamente constituído, exatamente da mesma forma que é preciso para entender o outro; é isso que se tem que fazer.

E, provavelmente, mencionei o trabalho de Peter Gow, porque ele tem belas observações em *Um mito amazônico e sua história*, sobre a relação entre avós e netos e as circunstâncias sob as quais os mitos são contados e como alguém só chega a ser, por assim dizer, uma autoridade quando está nessa posição de avô. É interessante a forma como o aprendizado está funcionando; e dá para ver como o próprio aprendizado é um processo histórico. O que você tem aí? Você tem tudo. Você tem a estrutura particular de intersubjetividade que está informando esse processo em particular, e é claro, o melhor desse trabalho é que ele é tão minucioso que você é capaz de 'pegar' o que poderia ser a história vivida do povo Piro. Eu acho que o mesmo vale para o trabalho de Eduardo, você tem essa sensação de que você 'pegou'. Ou o de Marcio Goldman. Qualquer uma dessas pessoas que faz um trabalho muito bem-feito.

Obras de outros etnógrafos e uma última palavra sobre a língua

Além desses que mencionei, a pessoa mais importante para mim é *Jadran Mimica*, um melanesianista, e ele é muito importante para mim. Foi ele quem me fez ler Maturana e Varela. Foi ele quem me fez ler Merleau-Ponty. Seu próprio trabalho é absolutamente brilhante e muito difícil de ler, porque ele é um desses escritores que colocam neologismos o tempo todo e, mesmo para uma leitora experiente como eu, por exemplo, pode ser muito difícil de ler. Assim, faço os alunos lerem algumas de suas obras - obras fantásticas, brilhantes. Um de seus livros que é realmente acessível e que eu recomendaria a todo mundo se chama *Intimations of infinity*, sobre o sistema numérico do povo Iqwaye, com o qual ele trabalha em Papua Nova Guiné. Mas ele tem outros trabalhos geniais de exames de parentesco, entre outros. Ele é um etnógrafo fantástico.

Uma última coisa, que considero importante. E é algo que só percebi recentemente: que pessoas diferentes pensam de formas muito diferentes sobre para que serve a linguagem. E a ideia das pessoas sobre para que serve a linguagem realmente estrutura muitas de suas outras ideias. E isso vale para

nós. Foi quando eu disse a vocês, que é claro que sou uma racionalista que me lembrei disso e daquela coisa fundamental sobre para que serve a linguagem. Eu estou aqui falando como uma pessoa para quem a linguagem é *analítica*. É para isso que serve. Em outros lugares, milhões e milhões de pessoas teriam ideias *muito diferentes mesmo* sobre para que serve a linguagem. E se você pensar no processo de ontogenia, de compreender o mundo, essa ideia informa absolutamente tudo o que você sabe, e faz, e pensa, e assim por diante. Então, se você for capaz de chegar ao que é [por exemplo] a ideia Maxakali de 'para que serve a linguagem', o que eu suspeito que teria algo a ver com o xamanismo, não é? Imediatamente, você está criando condições de mundo vivenciadas de formas muito diferentes. É o mesmo mundo, mas você está vivendo em condições históricas diferentes. E elas são as condições históricas que *você mesmo projeta*, porque são suas.

Referências bibliográficas – obras da autora

TOREN, Christina. **Making sense of hierarchy**. Cognition as social process in Fiji. London: The Athlone Press, 1990. London School of Economics, Monographs in Social Anthropology, 61.

TOREN, Christina. **Mind, materiality, and history**: explorations in Fijian ethnography. London: Routledge, 1999.

TOREN, Christina; PINA-CABRAL, João de (Eds.). **The challenge of epistemology**: anthropological perspectives. Oxford: Berghahn, 2011.

TOREN, Christina. Learning as a microhistorical process. In: JARVIS, P.; WATTS, M. (Eds.). **The Routledge International Handbook of Learning**. New York: Routledge, 2012.p. 402-410